

Eleição só virá se fixada até abril

Se Constituição demorar mais, não haverá como organizar votação

REJANE DE OLIVEIRA
Da Editoria de Política

A protelação da Constituinte é uma manobra do Centrão com o objetivo evidente de evitar a realização de eleições presidenciais no próximo ano, conforme prevê o projeto aprovado pela Comissão de Sistematização. Esta denúncia foi feita ontem pelo deputado Alcei Guerra (PFL-PR), segundo o qual a sucessão presidencial só sai em 88 se a Constituinte terminar, no máximo, até abril. "Passando daí, com toda a legislação eleitoral ainda por ser aprovada, não haverá mais a menor condição". Essa é também a opinião do relator-geral da Comissão de Sistematização, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM).

Defensor do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney, Alcei Guerra acredita que o Palácio do Planalto está por trás da manobra centrista, "ou pelo menos tem fortes interesses neste sentido". Afinal, com a convocação de eleições presidenciais no próximo ano praticamente assegurada no plenário a protelação da Constituinte seria o único e eficiente recurso de que o Governo dispõe para garantir o mandato de cinco anos.

Ao analisar as declarações do presidente Sarney em São Paulo, sexta-feira passada, segundo as quais o atraso da Constituinte é ruim para o País, Alcei concordou que o adiamento da sucessão realmente frustraria a sociedade brasileira, "que está ávida para eleger novo presidente".

FUGA DE CAPITAIS

Já em relação aos demais temas da Constituição, ele considera até saudável que os debates sejam aprofundados, "pois o aprofundamento poderia resultar em uma péssima Constituição". Ao contrário do que setores governistas vêm apregoando, ele garante que não é a Constituinte que tem impedido o ingresso de capital estrangeiro no Brasil.

— Isto é falácia. A verdade é que toda a América Latina está se ressentindo deste problema, consequência direta da queda do dólar. Hoje, para os capitalistas internacionais, é muito mais atrativo investir nos Estados Unidos — acrescentou.

Este tipo de argumento, na opinião de Guerra, é mais uma manobra destinada a desgastar a Constituinte perante a opinião pública, com o objetivo de barrar os avanços sociais, econômicos e políticos que a Assembleia vem aprovando. Nem por isso ele acredita na ameaça de impasse na elaboração da futura Carta Magna: "Chegaremos a bom termo", previu.

Sem acordo, Constituinte pode parar

Se não houver o maior esforço e disposição de restabelecer o entendimento entre todas as facções, a Constituinte vai ficar bloqueada, sem condições de superar o impasse criado na votação da reforma do Regimento Interno. Diante do grave risco, os líderes Fernando Henrique Cardoso (do PMDB no Senado) e Carlos Sant'Anna (do Governo), ambos do PMDB, estão dispostos a lutar para evitar o pior. A participação efetiva de Ulysses Guimarães neste esforço foi considerada fundamental.

Na opinião do líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, a responsabilidade pelo impasse deve ser debitada à intransigência do Centrão, com suas exigências e sua postura de rolo compressor. "Para muitos, o próprio presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, tem evitado o confronto com o Centrão, com receio de que o grupo de centro-direita vire a mesa, inviabilizando todo o trabalho de elaboração da futura Constituição.

Mário Covas, inclusive, concorda com a previsão de parlamentares das diversas facções, de que antes do dia 20 de janeiro não será iniciada a votação do projeto da nova Carta constitucional. Covas, Fernando Henrique, Fernando Lyra, Pimenta da Veiga, Euclides Scalco e muitos outros defensores de eleições presidenciais em 88 garantem que o Centrão está tentando inviabilizar os trabalhos com um único objetivo: jogar para 89 as eleições de Presidente, o que iria garantir mandato de cinco anos a Sarney.

ANÚNCIO
FONADO
223-2323



ANC 88
Pasta 11 a 20
Dezembro/87
055

Ulysses deixa sua casa para o almoço: por enquanto, ainda sem participar das tentativas de reorientar o PMDB

Greve retém parlamentares e poderá até ajudar o "quorum"

Mesmo terminando hoje, como se prevê, a greve dos aeronautas e aeroviários conseguiu segurar muitos parlamentares em Brasília, o que garantirá um quorum elevado para a Constituinte nesta que será sua última semana de trabalho efetivo. Depois da sessão marcada para terça-feira, quando será realizada uma última tentativa de encerrar a votação do novo regimento interno, a Assembleia só volta a reunir-se no próximo ano, exatamente no dia 4 de janeiro.

No mesmo dia da última sessão na Constituinte, o Congresso Nacional inicia seu período de funcionamento extraordinário, em reunião prevista para as 19 horas. Tudo indica que os congressistas assistirão a pouco mais do que uma reunião solene em que, certamente, não faltarão críticas à política econômica do Governo. Depois disso todos vão para casa, em clima natalino, já que o decreto-lei sobre tributação — objeto da convocação extraordinária — dificilmente será remetido ao

Parlamento ainda este ano. Como os debates constitucionais, portanto, sua discussão fica adiada para janeiro.

Isto não significa que a semana que se inicia possa ser considerada fraca em termos políticos. Se as dificuldades de entendimento entre o Centrão e os progressistas praticamente inviabilizam a votação do regimento este ano, enquanto a convocação do Congresso bem que poderia ter sido deixada para janeiro, nem por isso os parlamentares ficarão parados.

Pelo contrário: de amanhã até quinta ou sexta-feira (depois disso a debandada será geral), as conversas fervilharão em cenários mais ou menos distantes do plenário, onde os diversos grupos da Constituinte estarão reunidos para, pela enésima vez, buscarem consenso em torno dos pontos polêmicos da nova Carta Magna. E nesses encontros extra-oficiais (algumas vezes sigilosos) que costumam ser costurados os acordos políticos que mais tarde se concretiza-

rão sob os refletores do plenário.

Pelo menos duas das variadas facções têm reuniões previstas para esta semana. O Grupo dos 32, que hoje se encontra na chácara do senador Virgílio Távora (a "mansão Ceará"), pretende dar os retoques finais no projeto Hércules III. Já o Grupo do Entendimento, ou Centrão, começa terça-feira pela manhã a elaborar suas propostas para a futura Constituição. Conforme entendimentos mantidos na sexta-feira passada entre Távora e o senador Fernando Henrique Cardoso, é possível que os dois movimentos venham a se unir para uma atuação conjunta no plenário.

Quanto ao Centrão, deve dispensar a maioria dos seus integrantes logo após a sessão de terça-feira, quando o grupo precisará dar sua última demonstração de força este ano. Ficam em Brasília apenas os chamados coordenadores temáticos, encarregados de redigir as emendas que os centristas apresentarão ao projeto constitucional.

Para evitar problemas com possíveis desfalques no período de proposição de emendas, a coordenação de mobilização já providenciou as assinaturas necessárias para garantir preferência automática aos destaques do grupo. Não houve dificuldade: ninguém recusou-se a subscrever as folhas em branco.

Quem também permanece por mais alguns dias na cidade é a facção "histórica" do PMDB, que reúne, sem a presença do deputado Ulysses Guimarães, para discutir o futuro do partido. Das duas, uma: ou o grupo encontra um meio de extirpar da agremiação a atual predominância do Centrão, garantindo a legenda na próxima campanha presidencial para um de seus integrantes, ou simplesmente parte para a criação de um novo partido capaz de viabilizar uma candidatura como a do senador Mário Covas. O encontro estava inicialmente previsto para o dia 21, mas foi antecipado e ainda não tem a nova data definida.

Negociação parou, diz Ulysses

O presidente da Constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, passou a manhã de ontem em sua residência, no Lago Sul, mas não recebeu a visita de qualquer parlamentar, seja do Centrão ou de outro grupo. O deputado, porém, manteve alguns contatos telefônicos.

Ao deixar a residência, pouco após às 13h, para almoçar na casa do ex-deputado Joel Silveira, Ulysses Guimarães afirmou que as negociações em torno da mudança do Regimento Interno da Constituinte estão "paralisadas, porque todo mundo está viajando". Em rápida conversa com os repórteres, ele afirmou que ainda não foi procurado pelo grupo dos autênticos do PMDB, a fim de discutir o futuro do partido. "Não fui convidado para qualquer reunião", disse ele apressado, despedindo-se.

Confronto esfacela os partidos

Por que você não desiste logo desse destaque e evita as manchetes nos jornais amanhã: "Covas derrotado mais uma vez?" Na última quarta-feira, o líder do PMDB na Constituinte não deu ouvidos ao conselho petista, mesmo sabendo que horas mais tarde amargaria nova vitória do Centrão, que derrubou com vantagem de 71 votos o destaque contra a preferência automática de emendas com 280 assinaturas. Retirar o destaque, afinal, não significaria derrota menor, naquela altura. "Acabou a liderança de Covas", regozijava-se o Centrão. "Vai ser difícil ele se recuperar", analisava Lula, do PT. Mas o desgaste de Covas não é um dado isolado na Constituinte. Ele reflete um movimento de rebeldia generalizada contra as lideranças partidárias e, mais que isso — admitem constituintes de todas as matizes ideológicas — reflete a falência do quadro partidário.

"Só existe liderança quando existe partido. Não tem partido na Constituinte", diz Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado. "A Constituinte fez aflorar as posições ideológicas de cada um e já não há lugar para partidos que representem frentes, como o PMDB e até o PFL", acha Jaime Santana, PFL/MA. "Liderança num partido amplo como o PMDB, com mais de 300 constituintes, está fadada a não dar certo", afirma Luiz Eduardo, um dos líderes do Centrão. "E o desmoronamento completo do quadro partidário", assegura Pimenta da Veiga, PMDB/MG.

GELEIA GERAL

São só exemplos, pinçados aqui e ali. No balanço da briga com o Centrão, o líder Mário Covas desabafou: "Sempre achei que chegamos aqui através dos partidos políticos e devíamos costurar nossa identidade através desses partidos, mas é preciso admitir que no atual momento político não dá mais para ser geleia".

Se o PMDB é hoje uma geleia geral, abrigando da extrema direita à extrema esquerda, o Centrão, que agrupa parlamentares de pelo menos quatro parti-



Covas: o mais atingido no reagrupamento

dos, tem o trunfo da afinidade de interesses ideológicos — linha conservadora e de defesa da livre iniciativa. Um dos motores do grupo, que não tem líder formal, mas um colegiado de coordenadores, é o sentimento de rebeldia contra as lideranças partidárias. O deputado Daso Coimbra, principal responsável pela mobilização do Centrão, conta que esse sentimento de rebeldia afeta as próprias lideranças internas do grupo, onde a ciumeira é geral. Na quarta-feira, pouco antes da votação da mudança do regimento, Daso chegou a se enfiar por longo tempo no cafezinho do fundo do Plenário, "para evitar a imprensa porque os colegas não aguentam quem aparece um pouco mais". O líder do PDS, Amaral Netto, também sofre restrições no Centrão, segundo Daso, porque, pelo seu próprio jeito pessoal, acaba se destacando demais. Um outro coordenador do grupo, deputado Roberto Jefferson, do PTB, resumia sorridente, logo depois da primeira vitória do Centrão: "Desce-mos as estátuas do pedestal. As lideranças estão definitivamente erodidas".

"Esse problema de liderança é só do PMDB, é do Covas. No PFL quem manda é o papai aqui", diz o deputado José Lourenço, batendo no peito. O líder do PFL não comenta os problemas que ele próprio teve de enfrentar na bancada há poucas semanas, quando houve um movimento contra sua liderança — ele anunciara a substituição dos parlamentaristas do

PFL por presidencialistas, na Comissão de Sistematização, e foi criticado por emprestar uma imagem de extrema direita ao partido.

A briga no PFL acabou diluída com o Centrão, onde José Lourenço é um dos expoentes, mais divide sua liderança com novos destaques petelistas, como os deputados Ricardo Fiúza e Luiz Eduardo (que tem chamado atenção por sua capacidade de negociador).

Enquanto isso, a liderança do senador Marco Maciel, presidente do PFL, continua em baixa. Ele entrou em choque com as bases petelistas na novela romper-ou-não-romper-com-o-governo-e-o-PMDB e hoje a sua liderança "está tão esqualida como ele próprio", ironiza o também pernambucano Maurílio Ferreira Lima, deputado pelo PMDB. Maciel lamenta a falta de propostas claras por parte dos partidos políticos o que, a seu ver, é fator preponderante do enfraquecimento das lideranças.

Os pequenos partidos de esquerda, com perfil ideológico mais nítido, enfrentam menos problemas, apesar de algumas querelas internas. Para o líder do PT, deputado Luiz Inácio Lula da Silva, a falta de discussão entre líder e liderados ajuda a desintegrar os líderes dos grandes partidos.

Lula não economiza críticas a Covas no episódio da briga com o Centrão. Em vez de procurar um a um os pemmedebistas do grupo — cerca de 120 — para uma conversa, Covas ficou ne-

gociando com os radicais Amaral Netto e Ricardo Fiúza, que são inconvenientes, argumenta o líder petista. "Não dá para entender. Foi uma grande demonstração de incompetência política. Covas só mudou de estratégia na última hora, tarde demais", afirma.

DESCOMPASSO

Não dá para esquecer também o descompasso entre os discursos das lideranças nacionais e os anseios do povo brasileiro, hoje, alerta o deputado Maurílio Ferreira Lima. Não foi à toa, observa Maurílio, que o governador de Alagoas, Fernando Collor, comprou tanta briga com os marajás, num momento de descrédito popular com a classe política.

"Ele foi esperto e é em cima desse discurso que vai montar sua candidatura à presidência, não duvidem", diz o deputado pernambucano lembrando que recente pesquisa feita pelo *Jornal do Brasil* apontou a honestidade como um dos principais requisitos que o povo quer para o futuro presidente". Já Mário Covas ainda não conseguiu montar um discurso próprio, acusa Maurílio.

A saída de Covas do PMDB agora pode ficar mais fácil. Nesse quadro confuso, onde os partidos já pouco representam, a reformulação partidária que vinha sendo cozinhada em banho-maria na Constituinte ganhou novo estímulo com a reviravolta do Centrão. O líder José Lourenço já sonha com um partido de centro forte, que deve, na opinião dele, ficar como herança do governo Sarney. O líder do PFL argumenta que o Centrão tem muito mais unidade que o PMDB e o PFL.

Os progressistas do PMDB, que já formaram o MUP e já ameaçaram tantas vezes deixar o partido, também ganham novo impulso. Os intitulados históricos do PMDB, como Fernando Henrique Cardoso e o ex-governador Franco Montoro não ficam atrás e já acertaram para o próximo dia 21 reunião para definir os rumos da legenda. Novo tempo político, novas lideranças, novo quadro partidário.